

EXPANSÃO, UNIVERSALIZAÇÃO E IDENTIDADES DAS FILHAS DE CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Ana Cristina Pereira Lage*

RESUMO: Este trabalho pretende dialogar com a História das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no século XIX. Partindo do pressuposto que, neste período, por mediação do discurso romanizador da congregação vicentina, estas mulheres foram enviadas para os quatro cantos do mundo, onde propuseram a universalização das suas práticas, especialmente por meio da educação. O movimento, a adaptação e a expansão nos locais que ocuparam só foram possíveis pelas conexões estabelecidas entre a Casa Mãe de Paris e os locais nos quais se estabeleceram.

Palavras chave: Mundialização. Filhas de Caridade. história conectada.

EXPANSION, UNIVERSALISATION AND IDENTITIES OF THE DAUGHTERS OF CHARITY OF ST. VINCENT DE PAUL IN THE SECOND HALF OF THE NINETEENTH CENTURY

ABSTRACT: This paper aims to engage with the history of the Daughters of Charity of St. Vincent de Paul in the nineteenth century. Assuming that during this period, through the mediation of speech Romanized Vincentian congregation, the women were sent to the four corners of the world, which proposed the universalization of its practices, especially through education. The movement, adaptation and expansion in places that were occupied only by the possible connections between the Mother House in Paris and the places where they settled.

Keywords: Globalization. Daughters of Charity. history connected.

Este trabalho trata da mobilidade, poder de ação, percepções da cultura organizacional e das conexões entre a *Casa Mãe* de Paris das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo e suas casas filiais na segunda metade do século XIX. Supõe-se que essas instituições foram instaladas com a intenção de fortalecer o ideário católico, que passava a utilizar as mulheres como instrumentos de expansão de um novo discurso religioso, dentro dos quadros de uma Igreja considerada como Ultramontana (ou católica romanizada) e que propunha o fortalecimento do poder papal e universal. Por meio de suas atividades educativas, fortaleceram a circulação do ultramontanismo. A educação de crianças, especialmente de meninas, fundamentou a preparação de futuras esposas e mães, todas defensoras e multiplicadoras do catolicismo romanizado.

A utilização das vicentinas no projeto de romanização e universalização do catolicismo no século XIX deveu-se à sua longa história e às suas especificidades

* Graduação em História (UFMG), Mestrado em Filosofia e História da Educação (UNICAMP) e Doutorado em História da Educação (UFMG). Professora e coordenadora do Curso de História do Centro Universitário de Belo Horizonte (MG). E-mail: anaplage@uol.com.br

organizacionais. A Congregação das Filhas de Caridade foi fundada na França em 1633 por Vicente de Paulo e Luísa de Marillac. Já havia uma vertente masculina, a Congregação da Missão (ou Lazaristas). A intencionalidade da fundação da vertente feminina estava diretamente ligada à questão da expansão da ideia de caridade, e as vicentinas seriam responsáveis por diversas atividades: o cuidado com os doentes nos hospitais, a assistência em asilos de incapazes e idosos, a criação da infância abandonada e órfã, o auxílio em maternidades e prisões.

Percebe-se que, no início da Congregação, havia uma preocupação com a assistência aos pobres, especialmente àqueles doentes, mas suas práticas foram modificadas historicamente e articuladas com as necessidades dos locais onde se instalaram – ou seja, os documentos apontam para o fato de que a preocupação com a prática da educação escolar foi fortalecida no século XIX, momento de expansão da Congregação pelos *quatro cantos do mundo*¹. Segundo o Superior Geral da Congregação da Missão, nesse momento tornou-se necessário sistematizar as práticas e os costumes das Filhas de Caridade, para obter uma *uniformidade de ações* e garantir uma *uniformidade dos espíritos*².

As diversas atividades assistencialistas empreendidas pelas Filhas de Caridade serão aqui consideradas como atividades educativas, uma vez que pregavam um determinado discurso aos assistidos e ampliavam assim a rede dos fiéis católicos. Leva-se ainda em consideração que o século XIX foi também o momento de ampliação do discurso educativo e escolar, e ainda se atenta para o fato de que as Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo ampliaram a atuação das suas atividades neste setor no período estudado.

Pode-se pensar em uma troca entre a cultura francesa, feminina e congregacionista das Filhas de Caridade, e a cultura dos diversos lugares em que estiveram instaladas. As trocas, caracterizadas aqui como mestiçagens, são

¹Expressão utilizada pelo historiador Serge Gruzinski e que será lembrada ao longo deste trabalho para demonstrar o caráter expansionista das Filhas de Caridade no século XIX.

² (...) Este trabalho exigiu um estudo aprofundado de todas as circunstâncias da situação em que vocês se encontram, e um sério exame dos meios para indicar a manutenção em todas as diversas circunstâncias e a uniformidade de medidas necessárias para assegurar a uniformidade do espírito. Tivemos que unir todos os elementos deste trabalho, que contêm as informações respondidas nos formulários encaminhados para cada uma de nossas casas. Esses elementos, uma vez obtidos, devem avaliar o valor, coordenar e compor para vocês uma complexidade, suscetível de indicar a sua aplicação em cada uma de suas casas em todos os climas e entre todos os povos. Este trabalho requer necessariamente muito tempo, e não menos reflexão e devoção. (Padre Étienne, Coutumier des maisons particulières de la compagnie des Filles de la Charité, 1862. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal. Livre Tradução)

indissociáveis dos contextos onde se desenvolvem. As mestiçagens seriam misturas de seres humanos e de seus imaginários (GRUZINSKI, 2001, p 42). Mistura-se o que antes não estava misturado, ou seja, mistura-se uma cultura católica vicentina à cultura dos seus assistidos. Por outro lado, as Irmãs também agregavam valores dos locais e dos indivíduos com os quais travavam contatos. As mestiçagens não acontecem somente no âmbito cultural, mas também no âmbito social, econômico e político e podem ser percebidas tanto em níveis locais, quanto regionais ou globais.

Os indivíduos assistidos pelas Filhas de Caridade tornavam-se híbridos, transformados e diferenciados dos outros indivíduos pelo contato com a cultura vicentina. A hibridação é caracterizada por misturas dentro de uma mesma civilização ou de um mesmo grupo histórico. Os assistidos tornavam-se multiplicadores e incentivadores da cultura vicentina.

Deve-se levar em consideração que algo ligava e conectava os princípios destas religiosas na França e nos diversos locais de instalação. As conexões eram feitas por pessoas, cartas, objetos, sistematização de regras e formulação de hábitos. Os conceitos principais trabalhados ao longo deste trabalho dialogam então com a *História Conectada*, proposta por Serge Gruzinski, partindo de uma ideia de universalização da congregação estudada, suas particularidades e aproximações nos diversos lugares de instalação.

É possível perceber a identidade da congregação feminina francesa em suas articulações de mestiçagem cultural, mundialização e até rejeição nos diversos locais por onde se espalharam. Serge Gruzinski afirma que os fenômenos de mestiçagem e de mundialização pelos quais passamos atualmente remontam a tempos mais distantes: ao século XVI (GRUZINSKI, 2001, p.18-19). A mundialização empreendida pelos países ibéricos foi responsável por alterar hábitos, costumes, práticas, além de circular ideias. A monarquia católica ibérica do século XVI foi pioneira em multiplicar os encontros entre as civilizações e propiciar as mestiçagens constitutivas deste contato. Dentro dessa movimentação, percebe-se uma mobilização em escala planetária. Seria a mobilização e a circulação de homens (mercadores, burocratas, religiosos...), de diversos objetos e ainda de pensamentos (iluministas, religiosos, políticos...). (GRUZINSKI, 2004, p.46)

As conexões não eram possíveis nos primeiros contatos, mas somente depois de estabelecer relacionamentos mais profundos, principalmente a partir da implantação de instituições civis e eclesiásticas nos locais conquistados. Por meio da mundialização do século XVI, a Igreja Católica se desdobrou então em dioceses, instituições de ensino,

tribunais eclesiásticos, movimentos evangelizadores, etc. Eram estruturas de vocação universal e que materializavam a presença do catolicismo em um vaivém incessante entre a Europa e as outras partes do mundo.

A evangelização ganhou um *status* importante no processo de mundialização, e, no século XVI, os jesuítas tornaram-se os principais propagadores dos princípios religiosos e da monarquia católica ibérica pelo planeta. Desde a sua origem, a Companhia de Jesus teve esta vocação planetária. As outras ordens missionárias masculinas, como a Congregação da Missão, seguiram esse exemplo, mas os jesuítas foram os pioneiros. Por onde os religiosos passaram, difundiram as suas ideias e princípios, mas também absorveram culturas locais, tornaram-se mestiços, híbridos, mediarão e conectaram informações e fizeram parte de uma “elite católica” globalizada. (GRUZINSKI, 2004, p.309)

O princípio de universalismo – na perspectiva de que o Catolicismo seria uma religião sem fronteiras espaciais e pertenceria também a todos os seres humanos, que integravam uma mesma religião – já fazia parte do discurso religioso desde a antiguidade. O cristianismo primitivo já nasceu como uma missão sem fronteiras, além desse propósito de agregar pessoas de diversas origens. Seria a integração de povos diversos, com princípios religiosos e sem fronteiras políticas. As fronteiras do mundo cristão seriam então aquelas da pregação evangélica. Essa mensagem universalista já estaria presente na Bíblia, especialmente nas cartas de Paulo, que tanto retratavam os diversos locais circulantes. (RICCARDI, 2005, p.16)

Os limites do universalismo sempre estiveram ligados aos movimentos de expansões políticas e territoriais, mas foi somente no século XVI que as monarquias ibéricas possibilitaram a expansão do Catolicismo de caráter universalista, de forma prática e realmente globalizada. A expansão política das monarquias ibéricas pelos *quatro cantos do mundo* utilizou-se então do trabalho das ordens religiosas e seus missionários, em um auxílio mútuo de expansão do ideário católico, tanto de conversão, como de aceitação da dominação ibérica nos locais conquistados, já que a expansão articulava então com outros espaços, outras configurações políticas e também outros imaginários. Segundo Gruzinski (2004, p.309), especificamente os religiosos faziam parte da *elite* globalizada.

No século XIX, distante do movimento inicial de expansão das Monarquias Católicas, a ideia de universalismo cristão mantinha-se principalmente pelo trabalho e circulação das congregações religiosas, membros da “elite globalizada”, que então

difundiam o ideário católico romanizado e universal, em contrapartida à expansão do ideário liberal, que privilegiava as identidades nacionais, tanto políticas quanto religiosas, já que “(...) na evolução das identidades e das paixões nacionais, laicas no essencial, a descoberta cristã do universalismo parece descartada e mesmo esquecida.” (RICCARDI, 2005, p.21)

A luta pela lembrança da universalidade católica vinha respaldada e fortalecida pelo discurso do Papa e também pela ampliação do território a ser catequizado, objetivos conquistados por um novo elemento multiplicador: a circulação e a mundialização crescente das congregações femininas. Claude Langlois, ao analisar a expansão das congregações femininas no século XIX, particularmente francesas, considerou que este foi o momento da *mobilidade congreganista*, que tanto significou a ampliação e a instalação de novas congregações em outros territórios, quanto a construção de novas Casas e ainda a multiplicação do número de religiosas³.

A mobilidade poderia ocorrer também pela movimentação interna no país de origem, do interior da França para a capital, seguindo o movimento do recrutamento de noviças. Especificamente para o caso das Filhas de Caridade francesas, chama-se a atenção para um recrutamento múltiplo, já que a “Casa Mãe” em Paris recebia noviças recrutadas em todo o território nacional, mas particularmente e em maior número de províncias do Sul do País⁴. Uma vez recrutadas, passado o período do noviciado e realizados os primeiros votos, estas mulheres eram enviadas e circulavam por outras nações onde seriam estabelecidas novas Casas da comunidade.

Havia três motivos determinantes para o sucesso e também que possibilitaram a expansão das congregações femininas francesas no século XIX: a capacidade de adaptação deste modo de vida religiosa aos lugares de instalação; a eficácia das congregações em dar respostas às necessidades da sociedade; e a possibilidade de articular o mundo urbano com o campo, já que transitavam nessas duas culturas. Em primeiro lugar, as congregações se multiplicavam e prosperavam porque possuíam um modelo de utilização simples: uma forma facilmente controlável da vida religiosa e um instrumento eficaz para agir sobre a sociedade. Essa capacidade de adaptação

³ A *mobilidade congreganista* até o presente pode ser descrita como a capacidade de um certo número de congregações em implantar casas além de seus lugares de nascimento. Neste ponto deve-se perguntar se ela não consiste ainda na atitude de deslocar as pessoas de acordo com as demandas. (LANGLOIS, 1984, p.663. Livre tradução)

⁴ As Filhas da Caridade tiveram ainda um recrutamento relativamente localizado: elas encontravam suas noviças principalmente em três províncias: Arvergne, Bourgogne e Languedoc. (LANGLOIS, 1984, p. 582. Livre Tradução)

manifestava-se particularmente na pluralidade dos tipos de implantação geográfica e em como conseguiam adaptar suas modalidades de penetração no exterior. (LANGLOIS, 1984, p.636)

Langlois aponta para duas possibilidades de instalação no exterior: em países de mesmo nível de civilização que a França, principalmente em países europeus, ou em países de *missão*, atuando principalmente como evangelizadoras. Desta forma, as Filhas de Caridade foram inseridas em uma circulação globalizada. Nos lugares de instalação, deveriam ainda possibilitar a formação de novas irmãs, mulheres nativas, para ampliar ainda mais o movimento de enraizamento local, crescimento e universalização da Congregação.

Em segundo lugar, é importante salientar que o impulso das congregações na primeira metade do século XIX coincidiu com a ampliação massiva da educação feminina na França. Dentro do seu potencial de adaptação às necessidades sociais, as freiras responderam então às necessidades de criação de escolas femininas. Por outro lado, as congregadas tanto se adaptavam à modernidade, quanto buscavam preservar os princípios religiosos católicos prescritos especialmente em suas Regras.

Em terceiro, o sucesso das congregações no meio feminino deveu-se principalmente ao fato de se oferecerem possibilidades de trabalho, mobilidade no interior da França e no exterior, como ainda postos de comando impensáveis para as outras mulheres no século XIX. As congregações forneciam, no mercado de trabalho, empregos femininos variados, e particularmente trabalhos que demandavam um alto nível de responsabilidade.

As congregações aparecem como as únicas associações femininas que possuíam o direito de existir legalmente, de se multiplicar sem dificuldade e ainda oferecer às congregadas *segurança social*. Nesse meio, a mulher encontrava estabilidade e respeitabilidade. Eram recrutadas em todas as classes sociais: entre mulheres das elites, mas também entre pobres e, especialmente, entre camponesas. Estas, que não dispunham nem de riqueza para o dote ou de muito saber, eram relegadas aos trabalhos mais pesados dentro das congregações, principalmente nas atividades manuais. Tais atividades e o pertencimento a uma Congregação possibilitavam uma distinção social, particularmente para as mulheres pobres.

Percebe-se então que as congregações religiosas femininas do século XIX, caracterizadas como de *vida ativa*, não estavam confinadas nas clausuras, mas circulavam e pregavam a universalidade cristã para os *quatro cantos do mundo*, em um

processo de mestiçagem e de conexão entre os locais por onde passavam. É possível perceber as identidades das congregações femininas e suas articulações de mestiçagem nos diversos locais por onde se espalharam como um verdadeiro movimento de universalização por parte das congregadas.

Também deve-se trabalhar com o papel de mediadoras sociais empreendido pelas Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo nos espaços de instalação e em suas diversas estratégias, caritativas e/ou educativas. Deve-se pensar ainda que essas foram utilizadas como formadoras de outros agentes sociais para a expansão do Catolicismo no século XIX.

Uma vez que o trabalho visa tratar especificamente de comunidades femininas de uma determinada época, sob a orientação, intervenção e relacionamento com o universo masculino (religiosos, políticos, familiares e assistidos), torna-se necessário então atentar ainda para as diferenças de gênero. A abordagem do gênero enfatiza que é necessário buscar as diferenças entre homens e mulheres, “(...) o que significa a ultrapassagem das diferenciações puramente naturalizantes e simplificadas para ir de encontro à apropriação de uma identidade especificamente masculina ou feminina.” (ALMEIDA, 1998, p.49)

Torna-se necessário também pensar as diferenças não só sexuais (de gênero), mas também sócio culturais (dentro de cada uma das categorias de gênero). Percebe-se a necessidade de articular o gênero com a classe e a etnia, instância em que as desigualdades de poder se organizam conforme esses eixos. As diferenças e as múltiplas identidades aparecem como um problema a ser analisado, uma vez que serão pesquisadas mulheres que circulavam em ambientes masculinos e femininos, que educavam ou assistiam pessoas de ambos os sexos, pertencentes às classes sociais e etnias diversas.

As Identidades das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo

Trabalhar com as identidades de uma determinada congregação é trabalhar com as suas diferenças com relação às outras congregações. Partindo das diferenças congregacionistas, pretende-se perceber as particularidades de uma congregação específica, formada a partir do século XVII: a Congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo. Parte-se do princípio de que esta Congregação é uma organização, com culturas próprias e produzidas desde o momento da sua fundação.

Quando se utiliza o termo *cultura organizacional*, estreita-se a concepção de

cultura. Trata-se particularmente de um padrão de conduta comum, utilizado por indivíduos e grupos que integram uma organização com personalidade e características próprias. Emprega-se um conjunto dinâmico de valores, ideias, hábitos e tradições compartilhados pelas pessoas que integram uma organização e que regulam as suas atuações.

Segundo Lúcia Teixeira (2002), a cultura organizacional define-se como um padrão de pressupostos básicos e compartilhados quando o grupo consegue resolver os seus problemas de adaptação externa e integração interna e que devem funcionar suficientemente bem. Trabalha-se com cultura organizacional por meio de níveis distintos: existem os artefatos visíveis – como a arquitetura –, a maneira de as pessoas se vestirem, padrões de comportamento, documentos públicos; depois aparecem os valores que governam o comportamento das pessoas e que são um pouco difíceis de observar; por fim, aparecem os pressupostos inconscientes, que determinam como os membros de um grupo pensam e sentem. Quanto mais assumido um valor, mais este se torna inconsciente. A análise dos artefatos e dos valores leva o pesquisador à percepção dos pressupostos inconscientes.

Tais níveis podem ser cogitados para se iniciar a caracterização de uma *cultura vicentina* no século XIX. Os artefatos visíveis seriam as roupas, os objetos e os espaços ocupados pelas vicentinas. Os valores que direcionavam os seus comportamentos estariam explícitos na Regra e nos manuais que foram escritos em meados do século XIX. Os pressupostos inconscientes apareceriam com a interiorização de um jeito de ser vicentino a partir da análise e conexão dos valores assumidos e dos artefatos visíveis.

Geralmente os fundadores ou líderes exercem um papel fundamental para a configuração dos valores da organização. As intenções, as definições, concepções e valores dos fundadores e líderes da organização passam a ser compartilhados pelos demais elementos e transmitidos aos novos membros como o modo correto de pensar e agir dentro da unidade organizacional. A liderança constitui, assim, o modo fundamental pelo qual a cultura organizacional é formada e modificada. (TEIXEIRA, 2002, p.25)

Considere-se a história da Congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, fundada em 1633, que teve como líderes Vicente de Paulo e Luisa de Marillac. Os estatutos das *Filhas de caridade* determinavam a subordinação direta ao Superior dos Padres da Missão, e não ao Bispo da localidade de instalação da casa, conforme era proposto pelo Concílio de Trento, o que demonstra atitude inovadora com relação às Casas femininas neste período.

A pretensão da fundação da Congregação feminina era que exercessem efetivamente a caridade, valor máximo da organização. Segundo a Enciclopédia Católica, a caridade define-se como: “(...) um hábito infundido por Deus, inclinando o ser humano amar por si mesmo a Deus sobre todas as coisas, e ao homem por amor de Deus” (CARIDAD. In: Enciclopédia Católica). A caridade, então, divide-se entre o amor a Deus e o amor aos homens (amor próprio e amor ao próximo). Vicente de Paulo prescreveu os atos e valores que considerava necessários para que as irmãs vicentinas exercessem a caridade: fazer o bem a todos; não contradizer ninguém; ajudar a todos os enfermos; auxiliar o próximo em seus sofrimentos; ser humilde para ser honrada; praticar o bem de coração e com sinceridade ⁵. O amor ao próximo pela via caritativa estaria presente nas ações junto a todos os necessitados, como os doentes, abandonados, órfãos e idosos, etc. As Filhas de Caridade seriam então responsáveis por diversos trabalhos caritativos.

A partir do século XVI, com a grande expansão das cidades e com a falta de alimentos, a questão dos pobres passou a ser vista sob dois aspectos: por um lado, as cidades precisavam resolver o problema de seus miseráveis; por outro lado, havia a urgência de uma ordem no sistema de assistência. Essa atividade de assistência tanto poderia advir das preocupações do Estado, quanto dos movimentos filantrópicos, como foi o caso das Filhas de Caridade, que muitas vezes também foram auxiliadas pelo Estado. (GEREMEK, 1986, p.277)

Inicialmente, antes da configuração organizacional das Filhas de Caridade, havia um grupo de mulheres que circulavam pelas vilas e locais mais pobres cuidando de doentes, mediando os princípios católicos aos assistidos, sob a direção de Francisco de Paula e de Luísa de Marillac:

Sua preocupação principal é melhor servir aos pobres doentes, tratando-os com compaixão e cordialidade, e contribuindo para edificá-los, para consolá-los e prepará-los pacientemente, levando-os a fazer uma boa confissão geral, e especialmente mediando para que eles recebam os sacramentos. (ESTATUTOS de 1643. Apud. MAYNARD, 1860, pp.211-217)

Esse grupo inicial constituía-se principalmente de mulheres pobres, sendo a maioria de origem camponesa, solteiras ou viúvas, já que não possuíam recursos suficientes para os dotes do matrimônio ou para entrar em um convento. Eram chamadas inicialmente de *Servas dos pobres* (ORSINI, 1842, p.197). Com a ampliação

⁵ São Vicente de Paulo. Conferência sobre a Caridade. Collection des conferences (1658-1664). Arquivo das congregações, DGARQ, Torre do Tombo. Livre tradução

destas em todo o território francês, o nome do grupo foi modificado para *Filhas da Caridade*, adotando assim o termo utilizado pelo povo francês.

Além das *Filhas da Caridade*, existiam ainda as *Damas de Caridade*, mulheres casadas, pertencentes à nobreza ou à alta burguesia e que praticavam ações caritativas principalmente fazendo doações financeiras ou recolhendo fundos em seus círculos sociais, mas não circulavam ativamente pelas cidades ou cuidavam de doentes como as primeiras.

Segundo Lúcia Teixeira (2002), a cultura organizacional é um processo dinâmico, produto de aprendizagem grupal e encontrada somente onde há um grupo definido, com uma história significativa. Sendo assim, a constituição de regras para as *Filhas de Caridade* só veio após a criação e circulação do grupo inicial, já que Vicente de Paulo acreditava que primeiramente deveriam praticar e conversar sobre as reais necessidades da Congregação, que também não era homogênea, já que praticavam diversas ações. Além disso, tornava-se necessário distanciá-las e diferenciá-las dos princípios das *Damas de Caridade*.

A partir do estabelecimento das regras, as *Damas* ficariam encarregadas principalmente de angariar o auxílio financeiro para as obras caritativas das *Filhas da Caridade*, as quais realmente trabalhavam no contato direto com os assistidos. Por meio do estabelecimento das Regras, tornava-se necessário normatizar e uniformizar as práticas das Congregadas. As Regras foram elaboradas pelos fundadores na observação da prática do grupo, depois aprovadas pelo arcebispo de Paris e pelo rei francês em 1643. Posteriormente, pela Santa Sé em 1668. Dividia-se em nove capítulos, intitulados: *Do fim e das virtudes fundamentais de seu instituto; Da pobreza; Da castidade; Da obediência; Da caridade, da união que hão de ter entre si; De alguns meios para conservar a caridade e união entre si; Caridade para com os pobres enfermos; Dos exercícios espirituais; Do emprego do dia.*⁶ Inicialmente, procuravam delimitar a condição das *Filhas de Caridade* e diferenciá-las das demais ordens religiosas e configuravam os artefatos e os valores primordiais da cultura feminina vicentina.

Pensando nas diferenças das mulheres vicentinas com relação às demais mulheres que seguiam determinadas regras de instituições católicas, verifica-se que cada regra da congregação vicentina constituiu-se diferentemente daquelas observadas pelas ordens femininas que existiam no século XVII, especialmente das mulheres de

⁶ Regras comuns das filhas da caridade e servas dos pobres enfermos. Lisboa, Typographia de Antonio Rodrigues galhardo, 1822. Acervo BNP

vida perfeita. Enquanto estas últimas possuíam regras que definiam como deveria ser o cotidiano fechado da clausura, aquelas propunham reflexões acerca da prática diária das diversas atividades desenvolvidas pelas *Filhas de Caridade*. Era uma proposta de uma grande inovação para o estabelecimento das Congregações de *vida ativa*, já que apresentava um modelo intermediário entre o laicato e a vida religiosa tradicional, não sendo consideradas, portanto, membros do clero regular:

A própria Regra instituía que não eram religiosas e não pertenceriam ao clero regular, já que os seus diversos trabalhos eram incompatíveis com as particularidades religiosas das mulheres que seguiam horários definidos e passavam a maior parte do tempo orando. Por outro lado, também não possuiriam espaço definido para habitar e dependeriam da atividade que exerceriam naquele momento; mas deveriam portar-se com modéstia e virtude como as religiosas enclausuradas. Como não eram consideradas religiosas regulares, mas viviam em uma companhia secularizada, também não faziam votos solenes, sendo que os votos seriam renovados anualmente, possibilitando assim a renovação ou o afastamento das atividades caritativas, tornando-as livres para deixar a instituição a cada ano.

A preocupação com a caridade, com a pobreza e o cuidado com os doentes eram constantes na Regra proposta, pois a uniformidade das práticas traria assim uma uniformidade para o grupo, desde que esta uniformidade não atrapalhasse o trabalho que seria desenvolvido pelas congregadas, e o fundador aconselhava a maleabilidade na observação da Regra: “Você deixa a oração, ou a leitura, ou o silêncio para assistir a um pobre, esteja em paz, servir aos pobres, é fazer o que você deixou. O amor a Deus e ao próximo, amor aos pobres, a união entre eles compõem o vestuário interior das Filhas da Caridade”⁷. Antes de tudo, eram mulheres de auxílio e trabalho junto aos pobres e doentes, sendo que a observância da Regra existiria dentro dos limites da obra caritativa.

Além da Regra, as *Filhas de Caridade* seguiriam os diversos exemplos e explicações deixadas por Vicente de Paulo em mais de 100 Conferências realizadas e, ainda, nas diversas cartas trocadas entre os membros da Congregação. O conhecimento desta ampla obra escrita deveria fazer parte da vida cotidiana das vicentinas, complementando assim a formação dos valores vicentinos.

⁷ Conferências de Vicente de Paulo. Apud. Orsini, 1842, p. 207. Livre tradução

Quanto ao vestuário – um grande artefato para constituir a cultura organizacional vicentina –, inicialmente utilizavam roupas comuns, muito próximas daquelas usadas pelas camponesas do século XVII. Portavam uma touca branca, um vestido cinza e um avental branco. A roupa identificava essas mulheres como *soeurs grises* (GERHARDS, 1998, p.246). As transformações mais drásticas no hábito foram referentes à *cornette* que passaram a portar na cabeça. No início, a touca branca servia para protegê-las do mau tempo, mas se tornaram obrigatórias já no final do século XVII e cada vez ficaram mais alongadas, até chegar ao formato característico, que tanto poderia diferenciar como identificar as *Filhas de Caridade* em meio às demais pessoas nos séculos XIX e XX.



FIGURA 01: Modificações nos hábitos das Filhas de Caridade

Fonte – Imagens Vicentinas, s/d. Disponível em: <http://stvincentimages.cdm.depaul.edu/>. Acesso em 23 de julho de 2010

No que diz respeito à educação das crianças órfãs, São Vicente dizia que as Filhas de Caridade foram especialmente escolhidas por Deus para educá-las. Nesta questão, deveriam perceber a importância da escolha divina e a intenção de realizar um

trabalho que aproximava as religiosas da imagem de Nossa Senhora: eram virgens e mães ao mesmo tempo ⁸.

O cuidado com os órfãos e menores abandonados seria, hierarquicamente, a segunda atividade desenvolvida pelas vicentinas. A primeira seria a assistência aos doentes. A terceira atividade estaria na assistência aos presos que exerciam trabalhos forçados, depois o cuidado com os velhos necessitados, etc. Além destas, outras atividades viriam, como um desdobramento das atividades anteriores e de acordo com a vontade de Deus. (VICENTE DE PAULO, apud. MAYNARD, 1860, pp.244-245)

Ainda no século XVII, Vicente de Paulo previa a possibilidade de circulação das mulheres vicentinas em vários espaços, locais para onde fossem chamadas para a obra divina. As atividades exercidas também dependeriam das necessidades locais. O fundador previa a adaptação das Irmãs de acordo com as necessidades locais.

Dentro de uma perspectiva de transformação para permanecer, a maleabilidade nas possibilidades das atividades, a valorização do serviço aos pobres e necessitados, como ainda a possibilidade de circulação por vários espaços explicam a expansão das *Filhas de Caridade* já no século XVII. Por suas ações, foram convidadas para ajudar no cuidado com os feridos de guerra e também foram levadas para trabalhar como enfermeiras em diversos hospitais, além de manter o serviço de atendimento domiciliar aos doentes franceses. Pensando nos doentes, ainda desenvolveram remédios que auxiliariam neste trabalho e, além de enfermeiras, tornaram-se também farmacêuticas. Além dessas atividades, a produção e a comercialização de remédios propiciaram uma fonte de renda para o sustento da obra.

Segundo o fundador, a manutenção do grupo viria da “providência”, especialmente de doações caritativas, dos diversos auxílios dos governos e dos trabalhos empreendidos tanto pelas irmãs, quanto pelos assistidos. Assim, as Filhas de Caridade tornaram-se não só produtoras de remédios, mas também costureiras de enxovais para recém-nascidos, bordadeiras de roupas ou fabricantes de flores ornamentais.

Em nome da caridade, expandiram-se não só em Paris, como por toda a França, servindo de modelo para as novas Congregações de vida ativa, sendo também solicitadas para outros lugares do mundo. O contato com novas culturas dos espaços por onde passavam a circular também influenciava na própria cultura organizacional. A

⁸ Vicente de Paulo. *Conférence du 07 Décembre 1643*, Sur l'oeuvre dès enfants trouves.. Saint Vincent de Paul. Entretiens aux filles de la charité. Tome IX. Disponível em: <http://www.famvin.org/fr>. Acesso em 08 de outubro de 2007

cultura organizacional tem que ser considerada na sua interioridade, mas também na comunidade que a envolve. Sendo assim, quanto mais as Filhas de Caridade entravam em contato com outros povos, mais maleável se tornava a cultura organizacional vicentina, pois que tinham que se adaptar ao local para fortalecer a organização.

Por meio da Caridade, São Vicente dizia que a Congregação necessitava expandir para todos os lugares do mundo a palavra e os atos de Jesus Cristo. “Nossa missão é ir, não em uma paróquia ou apenas uma província, mas em toda a terra. O que fazer? inflamar os corações dos homens e fazer o que o Filho de Deus fez!”⁹

Além destes princípios fundadores, a expansão da caridade vicentina no século XIX estava diretamente relacionada às discussões concernentes ao fortalecimento do ideário católico junto aos seus fiéis, em combate às ideias liberais do período, *inflamando o coração dos homens como Jesus Cristo*. As Filhas de Caridade foram então utilizadas como instrumentos de apoio para esta expansão. A circulação das vicentinas em diversos lugares, tanto no mundo urbano quanto no rural, era essencial para articular, expandir e multiplicar este discurso católico, principalmente porque elas estavam em constante contato com as pessoas e realizavam trabalhos que asseguravam a gratidão e o reconhecimento de seus valores. Segundo os dizeres papais:

Entre outros, alegre espetáculo para o mundo católico, e motivo de surpresa para os não – católicos, oferecem as muitas e tão difundidas associações das piedosas mulheres que, vivendo juntas segundo as regras de S. Vicente de Paulo ou em outros institutos aprovados, e distinguindo-se pelo esplendor das virtudes cristãs, dedicam-se todas tenazmente a dissuadir mulheres do caminho da perdição ou a educar as meninas à religião, à sólida piedade ou a trabalhos adaptados à sua condição, ou a aliviar os sofrimentos do próximo, sem se deterem pela natural fragilidade do sexo ou pelo temor de algum perigo. (GREGÓRIO XVI apud COSTA, 1999, p.59).

Segundo o discurso papal, o trabalho das vicentinas passava pelas diversas atividades empreendidas nos vários lugares que ocuparam, mas agora trazia uma nova função, que não existia ainda no momento da fundação: a educação de meninas. Acompanhando o movimento de ampliação da escolarização ao longo do século XIX, inclusive a feminina, a presença das Filhas de Caridade foi se tornando expressiva também nesta atividade. Inicialmente propunham a educação de órfãos, mas, devido às dificuldades e necessidades de manutenção das congregações nos novos locais conquistados, precisavam também educar meninas de condição social mais privilegiada,

⁹ São Vicente de Paulo. Conferência sobre a Caridade. Collection des conferences (1658-1664). Arquivo das congregações, DGARQ, Torre do Tombo. Livre tradução

pagantes das demais obras caritativas.

Verifica-se que a circulação por diversos locais e o envio das Filhas de Caridade para fora do espaço francês aconteceu desde a época do fundador. Já em 1652 foram enviadas três irmãs para a Polônia a pedido de Maria Luísa Gonzaga, uma princesa francesa, antiga *Dama de Caridade* e que se tornara Rainha da Polônia. O envio das Filhas de Caridade tinha o intuito de cuidar de soldados feridos, de doentes da peste e também de órfãos.

No século XVIII chegaram ao solo italiano, à Suíça e à Espanha. Foi, porém, efetivamente no século XIX que foram enviadas para *os quatro cantos do mundo*, em uma perspectiva que pode ser entendida como de “mundialização” das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo. Cruzando as informações contidas na obra de Maynard (1860), é possível estabelecer o seguinte quadro da expansão ¹⁰:

QUADRO 01: EXPANSÃO DAS FILHAS DE CARIDADE (1633-1859)

Data	Envio	Origem	Quantidade	Primeiras funções
1652	Polônia	França	03	Cuidados das vítimas da peste e com os soldados feridos; asilo para órfãos
1750	Suíça	França	-	-
1778	Estados Italianos	Itália	02	Hospitais e asilos de órfãos
1790	Espanha	França	06	-
1834	Bélgica	França	-	-
1839	Turquia	França	02	Hospital; asilos para órfãos; escola para meninas
1841	Grécia	Turquia	5	Hospital; asilos para órfãos; escola para meninas
1842	Argélia	França	-	Hospital; instrução de jovens pobres e órfãos
1844	Egito	França	5	Hospital; escola para meninas
1844	México	Espanha	10	Hospital; Casa para mulheres alienadas; cuidados com soldados feridos; Seminário Interno; escolas de meninas
1847	Cuba	França	06	Hospital, orfanato e escola feminina
1847	Brasil	França	12	Pequeno hospital; asilo de órfãs e escola para meninas
1848	China	França	12	-
1849	E.U.A	E.U.A	400	-
1851	Áustria	Áustria	-	Hospitais
1854	Irlanda	França	04	Visita aos doentes e escolas
1857	Inglaterra	França	-	-
1857	Portugal	França	5	Cuidado com as crianças órfãs da epidemia de cólera e febre amarela
1857	Peru	França	45	Abertura de três Casas
1858	Chile	França	30	Hospital feminino, hospital masculino, orfanato e Seminário Interno
1859	Argentina	França	-	-

Fonte: MAYNARD, 1860

Embora a obra de Maynard não contemple todas as informações acerca dos locais que receberam as *Filhas de Caridade*, a partir da construção deste quadro é possível traçar algumas considerações. Em primeiro lugar, percebe-se que a expansão

¹⁰ Nota: o autor informa que não tem a pretensão de falar sobre todos os lugares conquistados, uma vez que, estabelecidas em um determinado espaço, as Filhas de Caridade conquistavam outras obras e outros lugares nas proximidades, como multiplicadoras de novas congregadas e de assistidos.

pretendida pelo fundador foi um movimento empreendido apenas no território europeu, durante os séculos XVII e XVIII. Depois, constata-se que a expansão para *os quatro cantos do mundo* concretizou-se apenas no século XIX.

Verifica-se que a maior movimentação expansionista ocorreu quando estavam sob a direção do Padre Etienne, Superior Geral da Congregação da Missão entre 1843 e 1874. A instalação tanto em terras brasileiras quanto em terras portuguesas aconteceu neste período, como ainda em várias outras localidades: Egito, México, Cuba, China, Estados Unidos, Áustria, Irlanda, Inglaterra, Peru, Chile e Argentina.

Na comparação das primeiras atividades empreendidas pelas *Filhas de Caridade* e propostas pelo fundador, percebe-se uma regularidade nos empreendimentos: cuidados com hospitais, doentes e órfãos. Por outro lado, é possível perceber a presença da fundação das escolas femininas nas atividades do século XIX. O aumento na instalação de escolas femininas justifica-se tanto dentro da perspectiva de ampliação deste tipo de educação, quanto do fortalecimento do discurso ultramontano e, ainda, das diversas possibilidades de adaptação às necessidades locais, conforme estabeleciam os fundadores da Congregação; ou seja, se tanto a localidade necessitava educar meninas, quanto o catolicismo necessitava utilizá-las como agentes em defesa do cristianismo, as Filhas de Caridade estariam prontas para adaptar as suas ações para este segmento.

O grande centro produtor e irradiador das *Filhas de Caridade* para o mundo era a Casa-Mãe de Paris. Inicialmente eram enviadas em pequenos grupos, mas já no século XIX verifica-se também o aumento nos números das Filhas de Caridade, proporcional ao aumento dos lugares conquistados e da ampliação das obras vicentinas. Uma vez instaladas, tornavam-se multiplicadoras da cultura e das atividades vicentinas, como também conquistavam novas adeptas à Congregação, principalmente pela fundação de Seminários/noviciados. Ocorria então um movimento de multiplicação das Irmãs.

Diversidade de lugares e diversidade de ações. As conexões principais aconteceriam entre a França e os locais para onde seriam enviadas. Alguns casos extrapolam esta conexão inicial, como se verifica nos Estados Italianos, onde duas mulheres devotas solicitaram ao bispo local seguir a regra das vicentinas ainda no século XVIII, mas só receberam a aprovação de Paris em 1822. Na Áustria, as Irmãs Hospitalares solicitaram a sua agregação às Filhas de Caridade. Nos Estados Unidos, as religiosas de Saint-Joseph, congregação norte-americana fundada no começo do século XIX e contando com 400 membros, solicitaram a passagem para os quadros vicentinos.

Novos pontos irradiadores para outras conexões também são verificados, como a

fundação mexicana que recebeu irmãs diretamente da Espanha, ou o caso da Grécia, que recebeu suas congregadas da Turquia. Nesses casos, o trânsito acontecia pela proximidade espacial ou pelo domínio da língua, o que facilitaria o início das atividades empreendidas pelas vicentinas.

No caso brasileiro, verifica-se que as Irmãs vindas da França desembarcaram em diversas “levas”. Inicialmente instaladas em Minas Gerais, na cidade de Mariana, seguiram depois para diversos estabelecimentos do Rio de Janeiro (1853), Bahia (1856), Santa Catarina e Pernambuco (1857). A movimentação das freiras aconteceu tanto diretamente da França para os novos locais que seriam ocupados, como também daquelas já estabelecidas em solo brasileiro e acostumadas com a cultura local para as novas Casas, conforme é verificado pelas correspondências trocadas entre a primeira superiora de Mariana e a Casa-Mãe de Paris. No caso de Portugal, embora tenham saído de Paris, verifica-se a presença de Irmãs francesas que já tinham passado pelo Brasil e conheciam a língua portuguesa. As conexões eram muitas e variadas, dependendo do momento e dos espaços que seriam ocupados.

Dentro deste movimento expansionista do século XIX é que foram elaborados vários manuais para uniformizar as práticas das Filhas de Caridade. A elaboração destes manuais partia dos princípios de observação das atividades e necessidades da maioria das congregadas para estabelecer novos artefatos e valores para a organização. O crescimento globalizado gerava a necessidade de fortalecer o controle para mostrar a identidade nos hábitos, nas roupas, nos costumes e nas ações destas mulheres.

Segundo Torres, as organizações seriam lugares de reprodução e produção normativa e cultural, reagindo ativamente ao *tráfico cultural* e redirecionando-o, ou seja, “...o modo pelo qual os valores, as crenças, os significados permutam entre o centro e a periferia, entre a macroestrutura e a ação organizacional, num movimento dinâmico e interactivo.” (TORRES, 2005, p.443). As particularidades de cada espaço se relacionam também com as dimensões políticas locais e mais amplas, principalmente com as articulações das ideias liberais e ultramontanas. Paralelamente, o século XIX foi o momento de ampliação do discurso com relação à necessidade de implantação e fortalecimento da educação feminina, tanto por parte daqueles que defendiam a educação pública, como os liberais, quanto por aqueles que levantavam a bandeira de ampliação das escolas confessionais para a sustentação do ideário ultramontano.

Referências

Documentos

PADRE ÉTIENNE. Coutumier des maisons particulières de la compagnie des Filles de la Charité, 1862. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal. Livre Tradução)

REGRAS comuns das filhas da caridade e servas dos pobres enfermos. Lisboa, Typographia de Antonio Rodrigues galhardo, 1822. Acervo BNP

SÃO VICENTE DE PAULO. Conferência sobre a Caridade. Collection des conferences (1658-1664). Arquivo das congregações, DGARQ, Torre do Tombo.

SÃO VICENTE DE PAULO. Conférence du 07 Décembre 1643, Sur l'oeuvre des enfants trouves.. Saint Vincent de Paul. Entretiens aux filles de la charité. Tome IX. Disponível em: <http://www.famvin.org/fr>. Acesso em 08 de outubro de 2007

Bibliografia

ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998

CARIDAD. In: *Enciclopedia Católica*. Disponível em: <http://www.encyclopediacatolica.com/a.htm>. Acesso em 25 de novembro de 2007

COSTA, Lourenço (org.). *Documentos de Gregório XVI e de Pio IX*. São Paulo: Paulus, 1999.

GEREMEK, Bronislaw. *História da miséria e da caridade na Europa*. Lisboa: Terramar, 1986

GERHARDS, Agnès. Filles de Charité. In: *Dictionnaire historique des ordres religieuses*. Paris : Fayard, 1998.

GRUZINSKI, Serge. *Les quatre parties Du monde*. Histoire d'une mondialisation. Paris : Éditions de la Martinière, 2004

_____. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LANGLOIS, Claude. *Le catholicisme au féminin: les congrégations françaises à supérieure générale au XIXème siècle*. Paris: Editions du Cerf, 1984.

MAYNARD, M. L'abbé. *Saint Vincent de Paulo. Sa vie, son temps, ses oeuvres, son influence*. Paris : Ambroise bray, 1860. v.3

ORSINI, L'Abbe Mathieu. *Histoire de S. Vincent de Paul*. Paris : Librairie de Debécourt, 1842

RICCARDI, Andrea. A universalidade. In: Remond, Rène (org.). *As grandes descobertas do cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005

TEIXEIRA, Lucia Helena Gonçalves. *Cultura organizacional e projeto de mudança em escolas públicas*. Campinas: Autores Associados, 2002

TORRES, Leonor Lima. Cultura organizacional no contexto escolar: o regresso à escola como desafio na reconstrução de um modelo teórico. *Ensaio: avaliação, política pública e educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 49, out/dez 2005. p. 443. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n49/29240.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2010

RECEBIDO EM 20/01/12
APROVADO EM 22/01/12